

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNI-RN
MARCELO AUGUSTO TOSCANO LYRA

O TRABALHO DESEJADO: O BRILHO DE UM NOVO SOL NA TEORIA
WINNICOTIANA ALIADA À PEDAGOGIA DE FREINET

NATAL

2017

Marcelo Augusto Toscano Lyra

O trabalho desejado: o brilho de um novo sol na teoria winnicotiana aliada à pedagogia de Freinet

Relatório apresentado ao
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNI-
RN como sendo um requisito
parcial para que se possa obter o
título de bacharel em psicologia.

Orientador: Prof^aNarjara Medeiros
de Macedo.

NATAL

2017

MARCELO AUGUSTO TOSCANO LYRA

O trabalho desejado: o brilho de um novo sol na teoria winnicotiana aliada à pedagogia de Freinet

Relatório apresentado ao Centro Universitário UNI-RN (telefone: 84 3215-2900) como sendo um requisito parcial para que se possa obter o título de bacharel em psicologia.

Natal – RN, oito de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Narjara Medeiros de Macedo

Débora Cristina Guerra de Araújo Vale

DEDICATÓRIA

Considero este trabalho como o meu protesto pessoal dedicado a todos aqueles que, de fato, sempre se sentiram como eu na escola/universidade: dentro de uma máquina que tinha seus próprios objetivos e não tinha relação alguma com aquilo que você de fato queria alcançar. Àqueles que olharam na face de seus respectivos professores e reconheceram ali a natureza da escola moderna: uma prisão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter paciência com um filho tão disfuncional.

A minha namorada, Natália Gabriela Silva Santos... por tudo.

À minha orientadora Narjara Macedo, por ter paciência com um aluno deslocado.

Aos meus pais, pelo incentivo e amor incondicional.

EPÍGRAFE

Não se obriga o cavalo que não está com sede a beber!

Célestin Freinet

SUMÁRIO

1. CAPA	
2. FOLHA DE ROSTO	
3. FOLHA DE APROVAÇÃO	
4. DEDICATÓRIA	
5. AGRADECIMENTOS	
6. EPÍGRAFE	
7. SUMÁRIO	
8. RESUMO	
9. ABSTRACT	
10. INTRODUÇÃO.....	1
11. CAPÍTULO I- TRABALHO: TORTURA IMPOSTA OU MAL NECESSÁRIO?.....	3
1.1- “O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM”.....	3
1.2- O TRABALHO COMO TORTURA IMPOSTA.....	4
12. CAPÍTULO II- O TRABALHO COMO TORTURA IMPOSTA É UMA VISÃO PRAXEOLÓGICAMENTE CORRETA?.....	6
2.1- A FALÁCIA GENÉTICA.....	6
2.2- A RELEVÂNCIA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL.....	7
13. CAPÍTULO III- TRANSIÇÃO.....	9
14. CAPÍTULO IV- PEDAGOGIA DO BOM SENSO.....	11
15. CAPÍTULO V- “HOMO LUDENS”.....	13

16. CAPÍTULO VI- ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL.....	15
6.1-.....	1º
GRUPO.....	16
6.2-.....	2º
GRUPO.....	19
6.3-.....	3º
GRUPO.....	25
6.4-.....	4º
GRUPO.....	26
6.5-.....	5º
GRUPO.....	26
17. CONCLUSÃO.....	28
18. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
19. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

RESUMO

A escolha da profissão é uma decisão difícil, tanto entre jovens como em adultos, especialmente por sofrer apontamentos das mais distintas origens (família, sociedade etc). É notório que esse momento angustiante de transição não é exclusivo das pessoas que ainda não entraram na universidade, mas até mesmo pessoas profissionalmente estáveis tendem a se questionar sobre noções de carreira e vocação. O objetivo desse trabalho de conclusão de curso é apresentar um projeto de Orientação Profissional executado para os alunos do Complexo de Ensino Noilde Ramalho ED-HC. Os conceitos aqui utilizados abordarão temas desde a definição de Orientação Profissional até técnicas de relaxamento, a fim de que isso possa servir de auxílio no processo de elaboração profissional desses sujeitos. O trabalho encontrou uma saída, por um lado tradicional e, por outro, criativa para os sujeitos que estão passando por esse momento difícil de escolha em suas vidas. E é aqui que o sol começa a brilhar...!

Palavras-chave: orientação; profissão; carreira; escola; universidade.

ABSTRACT

The choice of profession is a hard decision for young people as is for adults, specially because family and society are big influences. Obvilously this moment of transition is full of anguish and it happens even with people who aren't yet in university. Even people who are in a profession for a long time ask themselves about notions of carrier and vocation. The objective of this course completion work is to present a project of professional orientation executed for the students in the Complexo de Ensino Noilde Ramalho ED-HC. The concepts in here will be since definitions of professional orientation to relaxation techniques etc. Everything this will help the students to proceed in their professional elaboration. The work found a tradicional and criative exit at the same time for these students who are passing through this hard moment of choice in their lives. Here comes the sun... and it's shining!

Key-words: orientation; profession; carrier; school; university.

INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho será apresentada da forma a seguir: levando-se em consideração o modelo capitalista da modernidade, onde a sociedade demanda muito mais uma profissão por parte da juventude, os jovens vêm se sentindo cada vez mais angustiados com relação às suas escolhas profissionais, de forma que o conceito de trabalho tem se distanciado cada vez mais da noção de mal necessário e se aproximado cada vez mais da ideia de tortura imposta. Mas se nós escolhemos nossas profissões, como elas poderiam ser impostas? A questão é: a escolha foi espontânea?

A diferença que a espontaneidade faz na vida maturacional de uma pessoa fica evidente quando se entende o conceito de amadurecimento para Winnicott (1983), o qual define o processo de amadurecimento, resumidamente, como um encontro consigo mesmo.

Mas estamos tratando de psiquismo. E quando tratamos de algo tão concreto como a prática do trabalho? O pedagogo Freinet (2004) propõe uma via alternativa em relação ao modelo tradicional de trabalho: o trabalho desejado, o qual consistiria basicamente num modelo alternativo de escola. Ao invés da escola tradicional, a qual já implanta, desde cedo, nas mentes das crianças, que não existe trabalho se não o enfadonho, uma escola que educa por meio de um trabalho espontâneo a fim de estimular a criatividade das crianças e, conseqüentemente, o seu potencial para resolução de problemas. Ou seja: brincando.

Para isso, um projeto de Orientação Profissional foi desenvolvido em prol de alguns alunos do Complexo de Ensino Noilde Ramalho ED-HC, a fim de auxiliá-los neste processo difícil de escolha em suas vidas.

A escolha do tema foi, especificamente, Orientação Profissional.

Tal como o título do trabalho já pretende esclarecer: não se tratou apenas de um projeto encabeçado por um estudante da graduação. Dispondo de um nível maior de complexidade: pela primeira vez, o mesmo fora executado nesta instituição com o auxílio direto dos estagiários do curso de psicologia.

O objetivo geral deste trabalho foi conceder aos executores do projeto de Orientação Profissional do ano anterior a oportunidade de repetir a experiência com direito a incrementos.

Já o objetivo específico se limitou a auxiliar os estudantes do Complexo de Ensino Noilde Ramalho ED-HC neste processo de decisão acerca de suas futuras profissões e respectivas carreiras.

O método de pesquisa utilizado foi tanto baseado em revisão bibliográfica como também em experimento de campo.

Revisão bibliográfica na medida em que a parte teórica do trabalho foi principalmente baseada em historiografia, conceitos psicanalíticos winnicotianos e até mesmo a pedagogia anarquista de Freinet.

Experimento de campo na medida em que as concepções teóricas foram postas à prova na sala de aula em meio ao processo de orientação profissional.

Critérios de avaliação: análise dos dados empíricos fornecidos pelos alunos (como eles reagiram mediante tratamento x ou y), se o nível de espontaneidade deles aumentou e a auto-percepção maturacional mudou através da análise de discurso etc.

CAPÍTULO I

TRABALHO: TORTURA IMPOSTA OU MAL NECESSÁRIO?

A primeira secção do trabalho terá como objetivo discutir a Orientação Profissional e as transformações no mundo do trabalho. Essa discussão se mantém há mais de um século: trabalho é tortura imposta ou mal necessário?

1.1- “O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM”

O trabalho é visto no mundo moderno como um agente dignificador do homem e isso se deve ao conceito de meritocracia, criado pelo sociólogo Michael Young e apresentado em 1958 por meio de seu livro “The Rise of the Meritocracy”.

Diz o filósofo Ludwig Von Mises em seu tratado de economia “Ação Humana” que meritocracia não tem a ver com severo esforço físico e mental (diferente do que a maioria das pessoas parece apregoar): “Se o esforço físico e mental é desenvolvido segundo planos bem concebidos, seu resultado aumenta os meios disponíveis para a satisfação de necessidades” (p. 461). Em suma: meritocracia teria mais a ver com agregação de valor a fim de satisfazer a demanda das massas por meio da cooperação social (é como o autor chama a prática do trabalho). Essa agregação de valor seria o agente dignificador do homem, tornando-o digno de ser um indivíduo creditado pela sociedade.

Antes mesmo de ambos os autores anteriormente citados, Adam Smith, em seu livro “A riqueza das nações” já tratava da teoria do valor-trabalho (antes mesmo, inclusive, de Karl Marx no início de sua obra “O Capital”), que consistia basicamente na ideia de que o valor do seu trabalho seria medido pela quantidade de horas que você executou o mesmo.

Nesse sentido, o trabalho, em si, poderia ser considerado como um mal necessário. Um pré-requisito para aceitação social, por assim dizer.

1.2- O TRABALHO COMO TORTURA IMPOSTA

Por outro lado, céticos com relação à dignidade obtida por meio do trabalho - um deles, por exemplo, Michael Young - argumentam que o conceito de meritocracia é apregoadado de maneira adornada por seus defensores, visto que o próprio criador do termo, ao apresenta-lo em seu livro "The Rise of the Meritocracy", o descreveu de maneira pejorativa, uma vez que a história tratava de uma sociedade futura na qual a posição social de uma pessoa seria determinada pelo seu Quociente de Inteligência (um teste que mede as capacidades cognitivas de um sujeito) e seu esforço físico e mental.

Logo, a interpretação que Mises teria feito ao defender a meritocracia - página anterior - não passaria exatamente disso: uma interpretação... ou será que não?

Além disso: a própria forma etimológica do conceito de trabalho não passaria de tortura imposta, uma vez que, segundo o livro "Manifesto contra o trabalho": "As palavras latinas 'travail', 'trabajo' etc. derivam-se do latim, 'tripalium', uma espécie de jugo utilizado para a tortura e o castigo de escravos e outros não livres" (p. 11).

O opositor ideológico de Mises, Marx, também considerava o trabalho como sendo um princípio de coerção social.

O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato de, logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga. O trabalho exteriorizado, trabalho em que o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação. Por fim, o caráter exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho para outrem, por, no trabalho, ele não se pertencer a si mesmo, mas sim a outra pessoa. (MARX, 1979, p. 91.)

Nesse sentido, o trabalho não seria um mal necessário, mas uma tortura imposta ao homem como a sua sina por viver em sociedade, uma vez que a sociedade segue um modelo capitalista que condiciona às pessoas às relações verticais de dominação.

CAPÍTULO II

O TRABALHO COMO TORTURA IMPOSTA É UMA VISÃO PRAXEOLÓGICAMENTE CORRETA?

Afinal: afirmar que a origem do conceito (etimologia do termo ‘trabalho’) invalida sua prática (trabalho enquanto mal necessário), tal como foi sugerido no último capítulo, é logicamente correto?

As citações anteriormente mencionadas, as quais defendem o trabalho como sendo uma tortura imposta, basicamente afirmam que a origem do conceito de trabalho enquanto tortura imposta invalidaria a sua prática enquanto dignificante social (como no caso etimológico). Mas... para falar sobre trabalho, é necessário falar de ação humana. Para tratar de ação humana, é necessário falar sobre praxeologia. E, por sua vez, para falar de praxeologia, é preciso evocar a lógica.

2.1- A FALÁCIA GENÉTICA

Segundo o filósofo analítico, Dr. William Lane Craig, a falácia genética tenta invalidar uma posição mostrando como uma pessoa veio a tê-la; o que é, evidentemente, uma maneira inválida de raciocinar, visto que uma pessoa pode vir a ter uma crença por ‘n’ número de razões. Algumas delas inadequadas, mas isso não mostra que a crença, em si, é falsa. Por exemplo: "Vai pôr aliança de casamento? Não sabe que a aliança de casamento no princípio simbolizava o grilhão colocado no tornozelo da mulher para que ela não fugisse do marido? Não pensei que você fosse capaz de uma prática tão machista". As supostas origens sexistas da aliança de casamento não tornam sexistas os que a usam, pois: "Você não pode invalidar uma crença simplesmente mostrando como uma pessoa veio a tê-la" (2011, Programa One Minute Apologist). Seguindo a mesma linha lógica de raciocínio, para o inventor da praxeologia (estudo da ação humana), Ludwig Von Mises, a pobreza é

a condição original da humanidade e o trabalho – ou, como ele chama: “cooperação social” – é a única forma de transformar essa realidade. Logo: afirmar que a origem do trabalho é tortuosa ou que se trata de coerção social e opressão exploradora não invalida o seu poder dignificante, na mesma medida em que afirmar que a escola é, historicamente, uma prisão, não invalida a sua existência no tempo presente, contanto que suas práticas se desvinculem de sua história cheia de marcas, precavendo-se de si mesma.

Nesse sentido, educação e escolarização são conceitos diferentes, mas não necessariamente são diametralmente opostos, uma vez que a educação, enquanto disseminação de conhecimento libertador de amarras sociais vigentes, pode ser infiltrada na instituição escolar, de forma que a mesma modifique suas ações cada vez mais em favor do bem-estar integral (biológico, psíquico e social) de seus respectivos alunos.

2.2- A RELEVÂNCIA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Já se chegou à conclusão, no parágrafo anterior, de que é possível infiltrar uma educação libertária no ambiente escolar, mas como introjetar no processo o fato de que: é preciso educar por meio do trabalho a fim de preparar os indivíduos para uma sociedade do trabalho?

Segundo Lassance e Sparta (2003), o crescimento da classe média e o desenvolvimento tecnológico foram fundamentais para a transição da sociedade industrial para a pós-industrial. Ao mesmo tempo em que a sociedade pós-industrial fisga com seu discurso de que o trabalho deve estar vinculado à busca pela felicidade pessoal, afasta cada vez mais indivíduos do processo produtivo.

Tais mudanças afetam diretamente a Orientação Profissional, não só no que diz respeito à formação do orientador profissional, mas também com relação à sua postura frente à nova configuração capitalista da sociedade.

Elas dizem: “Cabe aqui discutir qual o papel do orientador profissional dentro deste novo panorama: reprodutor social ou agente de mudança”. Ora, se o

orientador profissional for um mero reprodutor social, onde caberão suas intervenções quando surgir um aluno angustiado por se sentir pressionado pelas instâncias externas (família, sociedade etc.) a ter uma vida profissional que ele não deseja? Ou mesmo que lhe traga dúvidas, questionamentos etc. Já se o orientador profissional for um agente de mudança, ele justamente poderá executar esse processo de infiltração da educação libertária no âmbito escolar, de forma que tanto os alunos como as demais peças da escola (professores e demais funcionários) possam trabalhar em conjunto para um bem comum dentro daquele ambiente, escutando mais aos alunos e auxiliando mais as peças restantes a se adaptarem a um modelo mais libertário de instituição escolar.

CAPÍTULO III

TRANSIÇÃO

A terceira seção do trabalho irá discorrer sobre uma palavra muito importante: transição. A transição não se dá, apenas, como um processo de um período da história para outro, mas também, como uma sequência de fases na vida do sujeito em processo de amadurecimento.

Dias (2008), autora do trabalho acadêmico “A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica”, diz que apesar do processo de amadurecimento não ser linear, algumas conquistas têm pré-requisitos e só podem ser alcançadas depois de outras. O sujeito pode até resolvê-las por meio de um mecanismo egóico de defesa do tipo falso self, mas, apoiadas em bases falsas, elas não farão parte intrínseca do seu self. Nesse caso, o processo de amadurecimento é paralisado e um distúrbio emocional se estabelece.

Resumidamente, o que a obra de Winnicott tem a dizer sobre é: um falso-self dificulta progressos no processo de amadurecimento pessoal, “congelando” o sujeito maturacional em um estado de falso-self que só se descongela em meio ao seu processo de desenvolvimento maturacional uma vez abraçando sua espontaneidade.

E o que viria a ser um falso-self? Um falso-self é uma defesa psíquica estruturada diante de ambientes intrusivos ou negligentes, uma máscara de correspondência às expectativas e demandas ambientais. O si mesmo (ou 'self' – também conhecido na língua portuguesa como 'si mesmo') se desenvolve, segundo ele, a partir das experiências que vão sendo armazenadas na memória do indivíduo, das quais o bebê extrai um denominador comum a todas elas: um 'eu' que vive essas experiências. O self é verdadeiro caso as experiências vividas tenham sua origem na espontaneidade do bebê e falso se a origem for externa (a vontade da figura materna, por exemplo). O próprio autor diz: “O gesto espontâneo é

o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e sentir-se real” (1983, p.135). É possível, então, fazer uma relação entre o que Lassance e Sparta (2003) falam acerca do papel do orientador profissional dentro do panorama atual e o que o parágrafo acima fala acerca da teoria winnicottiana do amadurecimento. Se o papel do orientador profissional dentro do panorama atual é ser reprodutor social ou agente de mudança e o sujeito maturacional pode se fixar em um ou mais estágios do processo de amadurecimento por excesso de imposição externa sobre sua espontaneidade, o que pode ser mais impositivo do que todo um sistema social atuando sobre o indivíduo? Será que a mudança de sistema econômico exposta no capítulo II não demanda mais do que o sujeito em processo de amadurecimento pode satisfazer de forma que o mesmo se sente incapaz de progredir espontaneamente dentro do processo maturacional? Em resumo: por um lado, existe um novo modelo emergente de sociedade capitalista baseada majoritariamente em tecnologia avançada de constante aperfeiçoamento, a qual, demanda, evidentemente, uma mão de obra especializada, porém barata. Por outro lado, existe a juventude moderna que tem contato majoritário com a tecnologia no cotidiano e que precisa de trabalho para satisfazer suas demandas por meio do mercado. Ou seja: trabalhar muito para não ganhar tanto e ainda prejudicar sua saúde física e mental finda por ser quase que inevitável.

Se isso é verdade, o resultado natural é uma bola de neve na qual o sujeito não se sente lapidado para o mercado de trabalho, mas finda por ingressar no mesmo por necessidade financeira, negligenciando sua saúde psíquica e física e permanecendo preso ao falso-self sem nunca chegar ao verdadeiro self – o qual, segundo Coutinho (1997), consiste nos seguintes conceitos: holding (como o bebê é sustentado no colo da mãe, o qual é um ambiente de suporte), handling (a experiência de entrar em contato com as diversas partes do corpo através das mãos cuidadosas da mãe) e a apresentação dos objetos (a mãe começa a mostrar-se substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos que serão mais adequados ao seu atual estado de desenvolvimento).

Mas como reverter tal situação? Segundo Camps (2009), entendemos, com Winnicott, que a melhor escolha é aquela que acontece quando a pessoa se sente viva e real. Ou seja: vai ao encontro de sua sensibilidade, emoção e pensamento.

CAPÍTULO IV

PEDAGOGIA DO BOM SENSO

A escolha profissional pode ser feita de uma forma tão profunda que pode ser estabelecida no nível do inconsciente antes mesmo da passagem da infância para a adolescência. Quem trata bem desse assunto, na quarta secção deste trabalho, é o pedagogo Freinet em sua “Pedagogia do Bom Senso”. Diz o autor:

[...] a escola só conhece deveres e lições que, para nós, são o que a máquina é para os nossos pais: uma sujeição de que nos libertamos assim que temos possibilidade. Apenas os jogos nos entusiasma e nos fazem esquecer as exigências desumanas do trabalho. O trabalho, para nós, concluiria esta criança, é a maldição, a ferramenta que suja as mãos, a fábrica que estraga nossa vida, a escravidão que nos desonra. Só o divertimento nos faz desabrochar e nos libera. Veja as suas vedetes. E, com efeito, poderíamos fazer o nosso mea culpa reconhecendo que há erros nos princípios da nossa educação e que é, em primeiro lugar, pelo trabalho que se prepara para o trabalho, numa escola e numa sociedade do trabalho. [...] Para isso, nenhuma técnica conseguirá prepará-lo melhor do que aquela que incita as crianças a se exprimirem pela palavra, pela escrita, pelo desenho e pela gravura. [...] O trabalho desejado, a que nos entregamos totalmente e que proporciona as alegrias mais exaltantes, fará o resto. E o sol brilhará... (2004).

Porém, essa transição depende, inevitavelmente, de um certo nível de maturidade que abarque os mais variados aspectos da escolha profissional (por exemplo: maturidade para lidar com as consequências de suas escolhas). Entretanto: a escola não concede, ainda, um ambiente facilitador suficientemente bom para tal. Antônio Leal, pedagogo contemporâneo de Paulo Freire, explica isso em seu livro “por que uma educação popular libertária”:

O ensino médio [...] costuma ser empírico. Pouco se interessa pela pedagogia. Marcha automaticamente pelos labirintos de saberes em ruína, tentando ocupar assim a cabeça dos jovens, sempre interessados em outros saberes, emergentes. A ocupação da cabeça dos jovens pela parafernália de saberes científicos ultrapassados nunca é pacífica. É sempre ora disciplinar, ora dissoluta na ideologia. Veja-se a vergonha que é o modo de aprender no vestibular. Não se aprende coisa nenhuma. Aprende-se para fazer provas, e pronto. Os jovens adaptados a esse sistema são sempre muito infelizes. Eles sofrem muito. Mas eu sempre acho que essa instituição, esta maneira de aprender está no fim, muito embora as secretarias de educação sempre

E como conseguir tal nível de maturidade? Faz-se necessário reiterar a teoria do amadurecimento de Winnicott - já exposta no capítulo anterior - que consiste, resumidamente, na ideia de que a espontaneidade é pré-requisito para um desenvolvimento maturacional salutar para o indivíduo. Entenda-se espontaneidade aqui como manifestar um verdadeiro “self” (ou um verdadeiro “si mesmo”). Ou seja: expressar suas pulsões de maneira legítima, sem nenhuma “casca” cobrindo essas exposições dos afetos psíquicos por parte do sujeito. Para isso, faz-se necessário um ambiente facilitador baseado na relação que o bebê estabelece com o mundo externo - mais especialmente com sua mãe. Esta mãe - ou cuidadora substituta - deve ser suficientemente boa para o bebê, no sentido de satisfazer suas necessidades pulsionais por meio de duas práticas indispensáveis durante o processo de amadurecimento: holding (suporte psíquico) e handling (manipulação somática). Sem essas práticas, estabelece-se o falso-self, o qual consiste numa forma de reagir ao “congelamento” do processo de amadurecimento, sobrando-lhe apenas um invólucro social que nem os raios do sol conseguem iluminar.

Mas que lugar é esse onde o sol nunca brilha? O lugar da Angústia do Não ser do adolescente. Dizem Rodrigues e Braga: “A adolescência [...] é um dos períodos da vida em que o normal do indivíduo é ser imaturo, no entanto a sociedade cobra que suas atitudes sejam como as de um adulto” (p. 1). O que as autoras querem dizer com isso? Basicamente: a sociedade está cobrando algo que não tem de pessoas que não podem dar. A sociedade cobra maturidade quando esta não vem naturalmente, a não ser que tenha um ambiente facilitador para tal, sendo que o próprio holding oferecido pela sociedade do trabalho não prepara pelo trabalho.

CAPÍTULO V

“HOMO LUDENS”

Em suma: a infância influencia, de maneira inconsciente, no processo de tomada de decisão profissional, e isso inclui os mais vastos aspectos desse período do desenvolvimento maturacional. Um deles é o brincar.

Huizinga (2000) compara a seriedade da qual o adulto dispõe no campo profissional com a seriedade que uma criança tem no ato de brincar. O mesmo consistiria no que, futuramente, se tornaria a descrição do âmbito profissional comum: um espaço com tempo limitado para imaginar soluções criativas a fim de se conseguir atingir um determinado objetivo, mas sempre se mantendo alerta para não perder o foco demandado.

Ou seja: o ato de brincar é prazerosamente lúdico ao mesmo tempo em que ensina noções intuitivas de regras. É possível até afirmar que o ato de brincar é necessário para a adolescência acontecer de forma mais branda, visto que segundo Rodrigues e Braga: “A criança saudável chega à adolescência já equipada com um método pessoal para atender aos novos sentimentos, tolerar situações de apuro e rechaçar situações que envolvam ansiedade intolerável” (2012, p. 1).

Apesar de dispor de um tempo limitado, Huizinga aponta justamente a espontaneidade como sendo a característica fundamental do ato de brincar. Nesse sentido, o ato de brincar é um fomentador do verdadeiro self ao mesmo tempo em que seria uma preparação do jovem para as tarefas sérias que mais tarde a vida dele exigirá. Diz o autor: “Tudo se passa como se a mentalidade e o comportamento do adolescente tivessem passado a dominar certas áreas da vida civilizada que outrora pertenciam aos adultos responsáveis” (2000, p. 146).

Logo: crianças enxergam trabalho no lúdico e adultos enxergam lúdico no trabalho. As crianças, inclusive, levam o ato de brincar com a mesma seriedade que levam o trabalho quando adultas.

A questão é: a escolha do trabalho quando adulto foi livre como a escolha de brincar fora quando criança? Ou foi uma decisão forçada por um sistema social insuficientemente bom? Foi um trabalho desejado? Faz-se possível a partir de tamanhos questionamentos destilar reflexões acerca da influência familiar na escolha profissional. Especialmente, no que diz respeito às figuras de apego. A maioria das vezes, a principal delas é a mãe - ou um cuidador substituto - devido ao maior apego entre o bebê e a mãe, visto que ela ocupa a posição de referencial na primeira infância e em muitos casos este vínculo se estende até a vida adulta. Se há uma boa interação entre mãe e bebê, ou um “apego saudável”, a criança se torna resiliente, visto que ela só pode suportar verdadeiramente as adversidades da vida se o seu suporte também for verdadeiro... e ele só pode ser verdadeiro se for espontâneo, espontaneidade essa que só pode advir de um processo de apego suficientemente bom. Caso contrário, se ela não se sentir afetivamente atendida durante esse período, corre o risco de usar de mecanismos de compensação até o final da vida. Por exemplo: o falso-self que, no caso da profissão, poderia ser expresso pela escolha de um trabalho que agrade à sua família a fim de que a mesma se volte para ela.

CAPÍTULO VI

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

O método de pesquisa utilizado foi tanto baseado em revisão bibliográfica como também em experimento de campo.

Revisão bibliográfica na medida em que a parte teórica do trabalho foi principalmente baseada em historiografia, conceitos psicanalíticos winnicotianos e até mesmo a pedagogia anarquista de Freinet.

Experimento de campo na medida em que as concepções teóricas foram postas à prova na sala de aula em meio ao processo de orientação profissional.

Os grupos de orientadores foram chamados de volantes pelo fato de fazerem um trabalho de breve duração cada um (dois encontros para cada grupo de orientadores).

Já os orientandos eram fixos.

As dinâmicas foram desde dinâmicas grupais até o teste vocacional AIP.

O grupo de Orientação Profissional funcionou à base de um contrato verbal de comprometimento entre os orientadores e os orientandos.

A duração geral do projeto foi de praticamente um mês e meio.

O local estipulado para a execução do projeto de Orientação Profissional foi o Complexo de Ensino Noilde Ramalho ED-HC.

A estrutura dos encontros seguia uma sequência que sempre começava com um aquecimento (técnica de relaxamento) seguido de dinâmicas, rodas de conversa e, esporadicamente, um exercício para casa.

Todas as apresentações entre condutores e orientandos tiveram por objetivo uma transferência positiva (termo usado pela psicanálise para designar uma boa primeira impressão) entre ambas as partes a fim de que o processo se desenvolvesse da forma mais salutar possível.

6.1- 1º GRUPO

O 1º grupo, formado pelos facilitadores A. T., J.R., L.B., M.C., P.R., S.G., matriculados no 7º período do curso de Psicologia, cursando a disciplina teórico-prática de orientação Profissional, propôs, no 1º encontro (dia 26 de abril), a apresentação dos orientandos e a apresentação dos volantes que assumiriam os trabalhos mais para frente. Os participantes se apresentaram uns para os outros falando um pouco sobre si e seus interesses. Uma das componentes do grupo volante, M. C., participou deste momento com os jovens inferidos apenas na observação do momento, no contexto geral. O grupo de orientandos se mostrou descontraído e falante. Na hora de encerrar gostariam de ter mais tempo. Para os facilitadores foi muito bom participar deste grupo, onde a empatia foi boa e a atividade se desenvolveu com facilidade.

Um exercício para casa foi solicitado: caso quisessem, poderiam pesquisar um pouco sobre as profissões comentadas durante as apresentações ou profissões que geraram algum interesse, pontuando suas particularidades. O grupo se mostrou interessado e colaborativo.

Posteriormente, realizou-se uma reunião com todos os membros do grupo volante, para que fossem repassadas todas as informações relativas às futuras ações que seriam feitas pelo primeiro grupo (aplicação de dinâmicas).

Foi muito gratificante participar desta atividade e perceber como o grupo, de forma geral, se apresentou interessado e maduro. Vários integrantes já pesquisaram sobre as profissões que lhes interessavam e conversaram com profissionais para

saber como é o dia a dia da profissão.

No 2º encontro (dia 03 de maio) houve a adequação do tempo para todos os membros do grupo volante havendo, assim, a participação de todos. Porém, ocorreram alguns contratempos referentes a aplicação das dinâmicas combinadas pelo grupo, devido a presença de duas colegas que deveriam apenas observar (para o conhecimento próprio e, por motivos éticos, os nomes não serão citados) a situação, e se colocaram como “monitoras” – o que ficou confuso pelo fato do grupo não saber desta informação, esclarecida depois pela supervisora do trabalho.

Neste encontro, o grupo volante – além de estar com todos os membros – contou com a participação de todos os jovens que estavam inscritos no projeto de Orientação Profissional. Com relação ao material utilizado, para este momento foi pedido à coordenação do projeto: papel ofício A4 (total de 15 folhas, havendo devolutiva das folhas não usadas) + lápis comum + caneta hidrográfica (várias cores) + fita dupla face + colchonetes. Referente a organização da sala, inicialmente, verificou-se a iluminação e a climatização do ambiente (o split fazia muito barulho, o que dificultava às vezes a conversação interna do ambiente). Em seguida, a sala foi varrida e as cadeiras dos estudantes dispostas a darem lugar aos colchonetes, no chão, em forma de círculo. Confeccionaram-se crachás com os nomes de todos (alunos, facilitador, observadoras, grupo volante) para uma melhor identificação geral, ficando ao encargo de cada um fazer tal item.

Continuando: sentados no chão, houve a apresentação inicial de cada um dos membros, vindo depois a aplicação da dinâmica que consistia em cada um dos jovens desenhar algo que identificasse uma profissão desejada. Para isso, foram distribuídas as folhas e lápis grafites, deixando o tempo livre para a prática do exercício acordado. Alguns jovens utilizaram as canetas hidrográficas, outros não; na observação do grupo volante, alguns jovens eram mais extrovertidos e outros mais retraídos, tímidos, em especial a chamada “J.M.”. Essa jovem já estava sendo acompanhada pelo setor de Psicologia do complexo de ensino, por motivos de problemas de relacionamento familiar/escolar. Após o término dos desenhos, pediu-se a exposição aleatória dos mesmos para discussão em sala, sempre retornando à questão da profissão e como se enxergavam nestas. Observou-se um aspecto do corpo que chamava a atenção como, por exemplo: “as mãos”, “os pés”, entre outros.

Cada um foi se posicionando, narrando habilidades pessoais e como estavam representadas nos membros que chamávamos a atenção. Podemos citar o rapaz pelo nome de “D.”, que destacou as mãos: quais seriam as suas habilidades com as mãos? Gostava de escrever? Gostava de desenhar? Cozinhas? E assim por diante. No final, houve o fechamento da dinâmica, sendo enfatizado todo o acontecimento e descobertas suscitadas entre eles.

Já a seguinte utilizou como materiais: 03 cartolinas brancas + lápis piloto preto + celular com aplicativo de música relaxante + caixa de som bluetooth + fita adesiva + 08 folhas ofício A4 + canetas hidrográficas de cores diversas. Inicialmente, repetimos o mesmo procedimento anterior referente a preparação da sala. Desta vez, porém, não utilizamos colchonetes e sim, as próprias cadeiras de estudantes, organizadas num formato circular. Aplicamos uma primeira dinâmica chamada de ‘presentificação’, na qual as pessoas deveriam estar bem sentadas nas cadeiras, colunas eretas, pés dispostos no chão, com as mãos voltadas para baixo e apoiadas nas cadeiras. As luzes foram reduzidas e utilizamos para esse fim a caixa de som e o celular, colocando uma música relaxante. Pedimos para fecharem os olhos, trabalhando a respiração de maneira conduzida por parte de um dos membros do grupo volante. Enquanto um ministrava a ação o outro ficava responsável pelo som e o manejo dos aparelhos. Após 15 minutos, houve o encerramento gradativo dessa dinâmica, com o cuidado de saber como estavam se sentindo depois dela. A responsiva foi boa, e houve o pedido de que a dinâmica sempre fosse aplicada nos demais encontros. Em continuidade, aplicou-se uma dinâmica de aquecimento nomeada de ‘cumprimento ao outro’. Utilizou-se uma música pop de fundo, sendo o evento aplicado por 4 membros do grupo volante, e teve a participação ativa do facilitador Marcelo, autor do presente trabalho. Consistia na dispersão dos jovens dentro do círculo aberto entre as cadeiras, os quais deveriam se cumprimentar com partes do corpo direcionadas pelo instrutor. Ou seja: “cumprimente o seu colega com a pontinha dos dedos”; “cumprimente o seu colega com os pés” etc. O objetivo da dinâmica foi promover um encontro gradual com o outro, de forma que as barreiras sociais fossem se quebrando gradativamente e uma atmosfera de boa convivência se estabelecesse. Também foi bem aceita por todos, abrindo o espaço para a última dinâmica que utilizou as folhas, a fita dupla face, as canetas e as cartolinas. Nesta última ação, três dos membros do grupo volante seguravam as cartolinas, onde

estavam escritas previamente palavras adjetivadas sobre habilidades/qualidades que poderiam ser relacionadas a alguma profissão. Essas palavras (positivas) falariam da característica da personalidade da pessoa, vista pelo colega e que seriam escritas nas suas costas onde estava fixada a folha ofício, pela fita citada. O objetivo era fazer a pessoa conhecer como ela era enxergada pelo outro, em qualidades que talvez não visse em si mesma, referenciando aquelas a algum tipo de profissão. Clima participativo e alegre para o grupo, onde qualidades iam sendo percebidas pelos integrantes. No final, com todos sentados, abriu-se um debate sobre as palavras inscritas na folha de cada um dos jovens, com participação ativa do grupo volante, de Marcelo e de Micaela, encerrando a dinâmica de maneira produtiva. Em seguida, o mediador solicitou que fossem, então, enumerados defeitos entre os orientandos, com o objetivo de que os mesmos fizessem um exercício de auto-avaliação e, logo em seguida, diriam se concordavam ou não com o que lhes fora atribuído. Neste momento, o clima do grupo mudou causando alguns desentendimentos. O trabalho não fluiu com a mesma facilidade do anterior. A que mais pareceu se deixar afetar pela situação foi a aluna J.M., tendo, posteriormente, revertido a situação sozinha, mostrando ter entendido o propósito da atividade: se ela se deixasse levar pelo que os outros disseram, estaria apenas confirmando o que fora dito, o que, num ambiente profissional, poderia ser potencializado a um nível pior. A orientanda J.M., sendo assim, conseguiu mostrar espontaneidade em não esperar que outrem solucionassem a situação por ela.

O 2º grupo foi conduzido pelo grupo de facilitadores A.K., F.P., G.K., M.M. e T. M., matriculados no 7º período do curso de Psicologia, cursando a disciplina teórico-prática de orientação Profissional.

6.2- 2º GRUPO

No dia 10 de maio, a dinâmica de escolha de profissões entre um leque de opções fora conduzida pela aluna A. K. com a colaboração de todo o grupo de condutores.

Foi promovida uma discussão a respeito das próprias habilidades e interesses, bem como analisadas as expectativas quanto ao futuro profissional dos participantes.

O trabalho fluiu de forma tranquila para os condutores e orientandos, onde a única ansiedade foi escolher várias profissões quando o aluno já tinha uma em mente e depois selecionassem 3 profissões dentre as opções favoritas aqueles que ainda tinham dúvidas sobre qual carreira seguir.

Uma dinâmica de relaxamento baseada em “troca de lugar/aproximação e distanciamento/corpos ocupando o mesmo espaço” foi conduzida pela aluna M. M. de psicologia, com o mesmo objetivo da dinâmica de aquecimento nomeada de ‘cumprimento ao outro’, executada pelo 1º grupo.

Neste trabalho foi possível perceber o desconforto de alguns alunos e alguns condutores em conversa posterior relatam a vontade de interromper a dinâmica. Entretanto, o desfecho ocorreu de forma tranquila não gerando qualquer estresse entre os condutores.

Os participantes interagiram bem durante a dinâmica e o entrosamento entre o grupo condutor facilitou para que o trabalho fluísse de forma tranquila. A primeira dinâmica fez com que surgissem diversas questões quanto a facilidade ou a dificuldade de escolha da profissão.

A aplicação do teste AIP foi conduzida pela facilitadora F. P., com a colaboração do grupo a fim de perceber as áreas de interesse dos alunos.

A princípio os alunos se mostraram inquietos, mas à medida que foi sendo explicado o teste os alunos foram se habituando e comentaram sobre o número de questões, mas foram lembrados que não se tratava de uma prova e que não existia questão certa ou errada, de forma que eles poderiam responder nos seus respectivos ritmos.

A aplicação do teste foi tranquila com a colaboração dos alunos e curiosidade sobre a devolutiva.

No encontro do dia 17 de maio, houve a devolutiva do teste, oferecendo estimativas do funcionamento cognitivo geral das habilidades do indivíduo.

Participante A. J. (feminino): primeiramente foi realizado o momento de transferência entre A. J. e a orientadora G. que a cumprimentou e comentou sobre sua leve ansiedade para o resultado do teste. Neste momento foi apresentado a ela o gráfico que mensurava compatibilidade pelos campos de interesse. Ela demonstrou satisfação com o resultado e comentou que isto era previsível visto que desde de criança já tinha em mente a profissão que queria seguir. Foi questionado o que a motivou nesta escolha e ela respondeu que sempre teve interesse por questões de sustentabilidade e que o fato do pai ser advogado possibilitou-a de conhecer melhor o Direito, construindo sua idealização de formação em Direito Ambiental. Quando foi apresentado o resultado do teste relativa à “Comunicação/Persuasão” ela mostrou-se satisfeita por ter compatibilidade com a área jurídica. Apesar da determinação pelo que queria ela comentou que haviam alguns entraves sobre a escolha como a possibilidade de o curso de Direito não ser como ela imagina ou o fato de os pais preferirem que ela opte por Medicina, mas demonstrou ter uma boa elaboração quanto a essas questões sabendo como lidar e não deixando seus sentimentos ou os de outrem influenciarem suas escolhas. Por conclusão o AIP de A. J. apresentou resultados homogêneos estando coerentes tanto com as profissões escolhidas na Dinâmica das Escolhas - na qual os orientandos escolheram profissões de acordo com sua preferência e discorreram sobre o que imaginam acerca da prática delas - quanto com a compatibilidade entre os campos de interesses apresentados no teste (campo jurídico e campo de comunicação/persuasão). Ambas as atividades evidenciavam seu autoconhecimento, determinação sobre a escolha da profissão e consciência sobre as possibilidades de divergência entre o real e imaginário, fato esse que foi confirmado durante a devolutiva.

Participante J. T. (feminino): no momento da transferência, J. T. comentou leve ansiedade sobre o teste e demonstrou expectativa de um resultado não muito homogêneo devido sua dúvida entre profissões de campos divergentes. Para dar suporte à sua ansiedade, fora orientado que os resultados do teste não são o que geralmente se espera e tendem a ser, na verdade, boas surpresas. Isso lhe trouxe um pouco de alívio. O AIP evidenciou interesse principal pela área organizacional/administrativa, tendo como segunda opção o rol Educacional/Comportamental. Ela respondeu que realmente costuma se imaginar

sendo administradora de empresas e a orientadora, então, seguindo a orientação do manual do teste AIP, comentou que o campo não fazia referência apenas a administração de empresas, mas também a tudo que fosse relacionado ao ato de administrar, como, por exemplo, a profissão de engenharia em que se administra uma obra, e nesse sentido também abrangia outras das opções selecionadas pela Dinâmica das Escolhas. Em seguida, ela teve contato com todas as profissões que se encaixavam nos campos de interesse e demonstrou surpresa por serem muitas e por não ter ideia de que elas pudessem ser compatíveis. Nesse momento, encontrou também diversas outras opções que já tinha imaginado interesse. Por fim mostrou-se satisfeita pelo teste ser compatível com a profissão que tinha em mente e por ter adquirido maior esclarecimento e direções sobre o assunto.

Participante J. M. (feminino): chegou extremamente ansiosa para receber a devolutiva, sentou-se sacudindo as pernas e os braços. Após ser perguntada sobre como estava se sentindo, respondeu: “Nervosa demais, pois se não aparecer que eu tenho habilidade para ser artista não sei o que vou fazer”. Com isso, a devolutiva começou, então, com a explicação sobre a diferença entre habilidade e interesse e, em seguida, foram retomados alguns pontos do percurso que havia sido trabalhado no processo de Orientação Profissional, de forma lenta e gradual para que a mesma pudesse se acalmar e se enxergar em cada processo. Ao mostrar o gráfico, explicou-se cada coluna de forma resumida e as de maior interesse de forma mais aprofundada. Em sequência, foi lida a parte relativa aos interesses, onde apareceu tanto a área de artes cênicas que vinha ao encontro da escolha dela como outras áreas como as profissões da área da saúde e áreas como Psicologia, Serviço Social, Pedagogia e Ciências Sociais. Após o feedback, foi perguntado a ela se havia algo que gostaria de comentar e, com bastante calma, ela disse: “Eu sempre quis ser uma atriz famosa, acho que era porque não via nada que eu pudesse fazer diferente disso, mas pelo gráfico tem várias áreas. Eu vou pensar, porque se eu escolher uma delas eu tenho que estudar muito e eu não sou muito estudiosa. Tenho dificuldade em várias matérias”. Tentou-se colocar de forma objetiva que já havia se trabalhado esta questão nas rodas de conversa durante os encontros: todo profissional tem que realizar um percurso para chegar até onde almeja e não existe profissão sem que haja um investimento de energia para isso. Ao final, foi perguntado se ficou alguma dúvida acerca da devolutiva e se ela tinha entendido o

resultado ou se havia algo que ela gostaria que fosse explicado melhor. Ela disse que não, que havia compreendido o resultado e que ficou satisfeita pois apareceu o que queria além de outras possibilidades.

Participante A. J. M. (feminino): no momento da transferência, A. J. M. apresentou leve ansiedade. Conversou-se um pouco sobre o processo de Orientação Profissional e de como ela estava se sentindo. Logo após, pediu para ver o gráfico, explorou-o por alguns minutos e questionou sobre o eixo Jurídico/Social, predominando com 90%. Explicou-se, então, de forma detalhada todas as informações do gráfico e, após isso, se voltou aos eixos de maior interesse: o Campo Jurídico/Social. Fora lido um recorte do manual sobre este eixo: O CJS responde por um campo de interesse em "Humanas". Diz respeito ao interesse pelo comportamento humano em nível grupal, religioso, cultural, racial, amplamente social. Os interesses pelo campo jurídico certamente se formam em vista das diferenças nos comportamentos humanos, tal como está descrito no próprio manual do AIP. Obs (também retirada do manual): Não por acaso, o curso de Direito chama-se Ciências Jurídicas e Sociais e o campo da comunicação chama-se Comunicação Social. Afinal, se todos os homens se comportassem de maneira idêntica, para que serviriam as leis? Se a comunicação não for fenômeno dirigido ao ser humano, a quem será? Contudo, nesse teste diferenciamos tal campo sociológico daquele que diz respeito ao interesse específico pelo comportamento humano em nível da Educação e da Psicologia, que aparecerão no CCE — Campo Comportamental /Educativo. É importante observar que, embora qualquer ser humano inserido em normas sociais deva ser conhecedor das mesmas e todo profissional será regido por normas éticas, em algumas profissões esses conhecimentos são objeto e ferramentas de trabalho como, por exemplo, nas Ciências Contábeis em que o profissional terá de lidar com diversas questões que envolvem tributos, leis trabalhistas etc. Após essa explicação, ela passou para os outros dois eixos: Físico/Matemático e Ciências Biológicas e da Saúde. Novamente fora lido o manual sobre eles e demonstraram-se algumas relações pertinentes entre essa tríade. A. J. M. se mostrou surpresa, pois sua decisão para Odontologia estava bem rígida desde o primeiro encontro, porém comentou que estava se percebendo com interesse na área jurídica e que já havia ido visitar o fórum e sentiu-se atraída pela área. Após isso fora explicado o objetivo do AIP e colocados alguns pontos relevantes sobre o amadurecimento da escolha.

Participante D. (masculino, idade): Ele se mostrou calmo e confiante na escolha para Publicidade que trouxe desde o primeiro encontro do processo de Orientação Profissional. Tanto o gráfico dos resultados do AIP como as três profissões selecionadas na Dinâmica das Escolhas foram ao encontro da sua opção de curso. Quando foi apresentado o gráfico a ele, demonstrou-se satisfeito e comentou que já esperava este resultado pois nunca teve dúvida do que queria para seu futuro. Foram lidas, então, as demais profissões referentes aos eixos do campo Simbólico/Linguístico e Comunicação/Persuasão. Ele ouviu, permaneceu por algum tempo em silêncio e, logo após, comentou: “Dentre todas essas profissões que você leu continuo me identificando mais com Publicidade mesmo”. Ao final, foi perguntado se ficou alguma dúvida sobre a devolutiva e fora realizado um feedback sobre o amadurecimento da escolha e o caminho que há até este momento.

Participante A. L. (Feminino): faltou nesse dia, mas ao final do processo de orientação, pendeu mais para a profissão de psicóloga. Provavelmente por influência da irmã que já atua na área.

Participante C. M. (Feminino): Conversou-se um pouco sobre o processo de Orientação Profissional e de como ela estava se sentindo. Logo após, pediu para ver o gráfico, explorou-o por alguns minutos e questionou sobre o eixo Jurídico/Social, predominando com 90%. Explicou-se, então, de forma detalhada todas as informações do gráfico e, após isso, se voltou aos eixos de maior interesse: o Campo Jurídico/Social. Fora lido o mesmo recorte de antes do manual sobre este eixo. Sentiu-se surpresa pelo fato de sempre ter pendido para a música mediante a influência familiar, já que a família é composta por musicistas, porém o resultado não desagradou.

Participante R. R. (Feminino): o resultado do teste da aluna pendeu mais para a parte referente a linguagens, o que para ela foi interessante, uma vez que, desde o primeiro encontro, enfatizava que queria se tornar dubladora.

Uma roda de conversa foi sugerida para checar se todos estavam bem e como estavam se sentindo com as devolutivas.

Todos participaram colocando suas expectativas e como tinham recebido os resultados. Os condutores conversaram sobre não haver garantia na escolha, sobre a importância de perceber o que o aluno está fazendo de concreto para a realização

dos seus objetivos. Para o grupo volante todos concordam que, na sua maioria, os alunos deste grupo, são interessados e apresentam noção do que suas escolhas profissionais implicam. Foi extremamente prazeroso trabalhar com este grupo devido ao interesse em participar das atividades e rodas de conversa, o que facilitou o bom andamento dos condutores nas atividades propostas.

O grupo mostrou-se motivado diante da perspectiva da devolutiva e, de modo geral, mostraram-se satisfeitos com os resultados e até antigas áreas de interesses voltaram para as listas de possibilidades.

O grupo seguinte foi conduzido pelo grupo de facilitadores A.N., C.C., J.R., J.L., R.B., V.M., matriculados no 7º período do curso de Psicologia, cursando a disciplina teórico-prática de orientação Profissional.

6.3- 3º GRUPO

Logo em seguida, o 3º grupo se encontrou brevemente com os adolescentes, percebendo o andamento do grupo com relação à orientação e colheu informações sobre as possíveis escolhas para no encontro a seguir abordar apenas as profissões escolhidas.

No dia 24 de maio, houve um *role-playing* do papel profissional, a fim de trabalhar a convivência e permitir que o jovem tome consciência do que sabe e não sabe sobre as profissões.

Inicia-se com as facilitadoras jogando uma almofada como forma de escolha de um participante para responder perguntas sobre uma determinada profissão, a qual será aquela que o aluno já planeja para si. Os participantes em roda farão perguntas para o escolhido e ele terá que respondê-las de acordo com a realidade da profissão atribuída a ele, tendo que imaginar ser aquele profissional e responder como tal, para que as facilitadoras percebam qual o grau de informação dos alunos

perante a profissão escolhida por eles e, assim, conseguir orientá-los com relação à escolha já determinada.

Essa dinâmica foi muito importante para distanciar realidade de imaginação, o que é parte integrante do processo de maturação.

Certamente isso angustiou um pouco os orientandos no começo, mas ajudou eles a amadurecerem mais as suas expectativas profissionais, o que depois os fez até agradecerem ao final do processo.

O grupo seguinte foi conduzido pelo grupo de facilitadores A. A, B. M, G. M, M. F., P. C. e S. F., matriculados no 7º período do curso de Psicologia, cursando a disciplina teórico-prática de orientação Profissional.

6.4- 4º GRUPO

No dia 31 de maio, o 4º grupo teve a iniciativa interessante de levar um profissional de uma determinada área para sanar dúvidas dos alunos quanto à vida profissional geral de uma pessoa adulta. Os alunos admiraram o fato de poderem ter contato com uma pessoa real com relatos reais do que é ter uma vida profissional. É interessante porque foge da parte teórica e parte para a prática.

A impressão, até então, é que os orientandos estavam muito inundados pela teoria e sentiam falta de um exemplo prático para vislumbrar. Precisam aumentar o nível de confiança olhando para uma pessoa que conseguiu chegar onde eles almejam chegar e, conseqüentemente, diminuir a ansiedade.

O grupo a seguir foi conduzido pelo grupo de facilitadores G.V., J.N., L.G., M.E., matriculados no 7º período do curso de Psicologia, cursando a disciplina teórico-prática de orientação Profissional.

6.5- 5º GRUPO

Logo em seguida, ocorreu uma observação do andamento do grupo. A fim de estabelecer vínculo e contato, os membros do grupo volante foram apresentados aos orientandos com a dinâmica do barbante, a qual consiste em uma roda formando uma teia de conexões criadas pelas apresentações de cada integrante com o fio do barbante, incluindo o grupo de alunos. Foi detectado que eles não se abrem com facilidade, o que é normal, além de que isso foi feito durante o processo inicial, com isso pretendendo fazer com que todos interajam e se expressem, até mesmo para ampliar o conhecimento do grupo volante com relação aos orientandos.

Foi observado em campo que os participantes são muito agitados, não apenas pelo simples fato de serem adolescentes, mas pelo grau de ansiedade provocado pela situação. Isso deve, certamente, ao fato de que dentro da Orientação, eles são livres para serem espontâneos como não o podem ser dentro da sala de aula ou em casa. Por isso mesmo, dois tipos de conflitos tendem a surgir ao longo do processo: uma tensão entre rigidez e descarrego de afetos reprimidos, uma vez que encontraram um ambiente facilitador, e conflitos familiares, mediante as fantasias de rejeição que surgem devido ao encontro consigo mesmos e ao distanciamento das expectativas dos pais (ou seja: do falso-self).

Passaram, então, por uma dinâmica de relaxamento para ajuda-los a se concentrar e trazê-los para o momento, criando um espaço de tranquilidade onde eles puderam se acalmar e focar nas atividades.

No encontro seguinte (dia 07 de junho), fora aplicada uma dinâmica com o grupo dividido em dois. Tratava-se de um jogo de perguntas e respostas sobre as profissões discutidas até então. Foi, ao mesmo tempo, divertido para eles, no sentido de colocarem à prova o conhecimento que afirmavam ter acerca de suas escolhas profissionais ao mesmo tempo em que os ensinou, de maneira lúdica, que muito do conhecimento que eles tinham também era passível de erro e uma escolha errada poderia leva-los a uma vida de frustração profissional. Nesse momento, foram colocados alguns minutos para que eles elaborassem e fornecessem para o grupo tudo aquilo que ficou não apenas das dinâmicas, mas de todo o trabalho de Orientação Profissional, através de desenhos ou frases e pinturas que os representassem.

Ao final da dinâmica, foi lhes apresentado um vídeo motivacional (chamado “Filtro Solar”) para que pudessem acessar uma sensação vivificadora repassada

pela mensagem do mesmo. Fora dedicada, ao final do vídeo, parte do encontro à reflexão acerca de tudo o que havia sido discutido, no geral, até então.

Fechamento e despedida com confraternização.

CONCLUSÃO

Sobre a participante A. J. S.: mediante o nível de espontaneidade que a aluna esboçou desde o primeiro encontro, tanto com os condutores como com os colegas, notou-se o nível maturacional elevado da mesma. Quando foi passado a ela o exercício para casa, trouxe como resultado muito mais empolgação com sua aspiração profissional, por mais que a mesma fosse dificultosa de se alcançar e, ao mesmo tempo, relativamente desvalorizada no mercado de trabalho. No momento da dinâmica de desenhos, ela fez um que me remeteu a algo que tinha diretamente a ver com o processo de orientação profissional: um capítulo do livro “A pedagogia do bom senso” de Freinet, no qual o mesmo diz o seguinte:

No dia 25 de novembro, Joãozinho desenhou o vaso de flores [...]. Este vaso é, com o moinho de café e a caixa de fósforos, o símbolo de uma forma de ensino que já não deveríamos ter de condenar: vaso barrigudo, hipertrofiado para receber a falsa ciência, inchado e disforme, cujo único resultado [...] raminhos esqueléticos, como flores abortadas que não puderam desabrochar e que murcham por falta de seiva e também por falta de sol e de azul... Foi o que explicamos ao Joãozinho, que tem apenas dez anos e que, comparando o seu vaso de flores esclerosado com os desenhos audaciosos e livres dos

O desenho de A. J. S. era o depois: desenhou a si mesma com um fundo cheio de flores vivas e iluminadas pelo sol, e mesmo explicando para ela que as expectativas profissionais dela poderiam ofuscar a sua percepção da realidade, demonstrou ainda mais maturidade ao responder: isso não é como eu vejo o mundo hoje, mas como eu quero torna-lo amanhã.

Na segunda dinâmica, a qual consistia em expor a sua visão para com os colegas, explicitando suas qualidades e, posteriormente os seus defeitos, também se mostrou bastante madura na medida em que acabou iniciando um conflito verbal com a colega J., mas sanando tudo sozinha até o encontro seguinte, a fim de manter a boa convivência do grupo. Não dispõe apenas de um alto grau de auto-conhecimento, como também de conhecimento acerca da profissão desejada adquirido por meio dos livros de seu pai, que é da área jurídica. Apesar dos pais de A. J. S. preferirem que ela preste exame de admissão para medicina, apoiam a escolha da filha, o que é, certamente, interpretado pela mesma (mesmo que de maneira inconsciente) como um ambiente facilitador de seu desenvolvimento maturacional.

A orientanda apresenta um bom grau de maturidade para lidar com as consequências de suas escolhas profissionais e dispõe de um ambiente facilitador para o alcance do trabalho desejado.

Sobre a participante J. M.: essa jovem já estava sendo acompanhada pelo setor de Psicologia do complexo de ensino, por motivos de problemas de relacionamento familiar/escolar. J. sempre teve o sonho de se tornar uma atriz

famosa, provavelmente porque, segundo ela mesma, sempre teve problemas com timidez e enxergou o teatro como uma forma de conseguir a aprovação social das pessoas, coisa que, a princípio, não conseguiria em casa, visto que os pais não aprovam a ideia de ela fazer teatro, incentivando-a, ao invés disso, a prestar exame de admissão para medicina.

Já dizia Winnicott: "a introjeção pode se tornar [...] semelhante ao pai, mas, nos estágios iniciais, os introjetos do superego, utilizados para controle dos impulsos e produções do id, são sub-humanos e [...] primitivos em grau máximo" (1958[1956]/1990, p. 22).

J. M. evoluiu muito em termos de espontaneidade, o que é necessário, segundo a teoria winnicottiana, para o desenvolvimento da maturidade psicoemocional. Nos primeiros encontros, ela não falava com absolutamente ninguém. Ao longo dos encontros, foi se tornando cada vez mais notório o fato de que haviam certos gatilhos emocionais que acionavam o enfrentamento de seu estímulo aversivo (tornar a sua fala pública). Devido à paranoia, provavelmente alimentada pela falta de aprovação familiar, quando se sentia provocada, expunha suas opiniões, acerca de qualquer coisa, com muito mais facilidade. A partir de tal princípio, o facilitador começa a provocá-la propositalmente com comentários dúbios a fim de desafiá-la a provar para ele que poderia, de fato, usar o teatro para vencer a timidez. Passado algum tempo, essa mesma aluna pregou uma peça no facilitador, fazendo-o acreditar que a mesma estava passando por um grande problema em sua vida e, depois que contou a verdade, ficou claro que ela tinha experiência em usar da dissimulação para vencer a timidez e que essa prática concedia a ela potencial para a profissão de atriz. Tendo sido feita a devolutiva do teste AIP, J. se mostrou muito mais aberta com relação a ideia de ter uma outra profissão, a fim de se sustentar financeiramente ao mesmo tempo em que encara o teatro como um hobby que lhe traga benefícios sociais.

Sobre a participante J. T.: foi praticamente a única aluna da Orientação Profissional que ainda saiu num nível de ansiedade semelhante ao qual entrou, no que diz respeito às dúvidas com relação à vida profissional. Isso se deve ao fato de sua ansiedade ser, provavelmente, patológica, e não algo que diz respeito, apenas,

à ansia pela introdução na vida profissional. O ideal para ela seria um acompanhamento psicológico e não apenas psicopedagógico.

Sobre a participante A. J. M.: chegou relativamente ansiosa ao processo de Orientação Profissional mas saiu muito mais leve do que antes. Sua rigidez aparentava estar ligada à rigidez da escolha profissional, que tinha mais a ver com o fato de não estar muito a pá de alternativas avulsas. Chegou na Orientação muito crédula de que iria prestar exame de admissão para odontologia, sendo que o que ela tinha era apenas uma visão turva, para não dizer infantil da mesma. Quando questionada durante o jogo de perguntas e respostas, não soube responder com clareza as particularidades da profissão e, apesar de isso certamente frustrá-la, deixou-a mais aberta para outras alternativas de curso. Essa abertura de espaço para novas possibilidades auxiliou, também, em seu processo maturacional, fazendo-a se sentir mais pronta para as adversidades da vida profissional.

Sobre o participante D. F.: esse aluno foi o que se mostrou mais maduro quanto ao trabalho desejado. Desde o primeiro encontro ele tinha uma profissão em mente e permaneceu com ela até o fim, mesmo que aceitasse que o grupo lhe sugerisse outras alternativas. Isso mostra, ao mesmo tempo, firmeza em querer arcar com as consequências das escolhas que a vida oferece e abertura para diálogo com pensamentos diametralmente opostos. É o equilíbrio entre a espontaneidade madura de Winnicott e o trabalho desejado de Freinet.

Sobre as participantes A. L. e C. M.: essas alunas foram um exemplo de como a família pode influenciar positivamente nas escolhas dos indivíduos para com suas próprias vidas. Elas chegaram à Orientação Profissional confessando se sentirem completamente confusas com relação a quais profissões escolheriam para si. Ao longo dos encontros, A. L. foi se identificando cada vez mais com a profissão da irmã, que é justamente a de psicóloga. Durante a dinâmica de expor dificuldades e qualidades uns dos outros, ela foi percebendo características próprias que não tinham, até então, se tornado claras para ela, como o fato de estar sempre se dispondo a auxiliar as outras pessoas em seus conflitos pessoais. Tendo sido feita a devolutiva do teste AIP, C. M. se mostrou muito mais aberta com relação a ideia de ter uma outra profissão, a fim de se sustentar financeiramente ao mesmo tempo em que encara a música como um hobby influenciado pela família musicista. Mais ou

menos do meio do processo para o final, A. L. já tinha clarificado seu trabalho desejado: ela deseja prestar exame de admissão para o curso de psicologia e aproveitar o ambiente facilitador que a sua irmã exerce sobre sua vida afetiva, estendendo-o para o profissional.

Sobre a participante R. R.: para esta aluna, passar pela Orientação e, conseqüentemente, defrontar-se com a realidade da vida profissional, apenas alimentou ainda mais seu apetite por realizar seu sonho de se tornar uma dubladora. Na dinâmica de perguntas e respostas, foi a que melhor se saiu, demonstrando conhecer bem aquilo que deseja para si em termos de profissão. Um sonho bastante difícil, o que demandaria muito mais esforço da parte dela, mas consciente disso, ela está permitindo que sua paixão a dirija, ao mundo do trabalho desejado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a aplicação das dinâmicas e vivências, os alunos da Orientação Profissional pareceriam assustados com a realidade trazida pelos questionamentos feitos, mas foi uma etapa que serviu de aprendizado e os colocou em movimento questionador, o que foi facilitado pelo fato das dinâmicas nunca fugirem da proposta lúdica. Também foi perceptível que um plano foi traçado, por cada um deles, de acordo com a subjetividade de cada um, porém algumas metas estão ainda distantes da realidade. Há muita ansiedade para alcançá-las, no entanto ações mais simples, tais como o estudo diário não foram pensadas e, por essa razão, fora algo indicado. Ressaltamos a importância de dar passos pequenos para chegar aos grandes, mas sempre lembrando de equilibrar com os outros aspectos da vida e encarar tudo com leveza.

Considera-se que este tipo de trabalho é de extrema importância para prevenir escolhas impensadas no que diz respeito à própria carreira. Por meio desta iniciativa, pode-se evitar a insatisfação profissional e, conseqüentemente, uma vida potencialmente infeliz.

Em todo o caso, uma coisa é certa: o espaço potencial lúdico e o holding nos grupos de Orientação Profissional fizeram em poucas semanas o que escolas inteiras não fazem durante anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPS. **Ser e fazer na escolha profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana.** Ed. São Paulo: Biblioteca Digitais de Teses e Dissertações da USP. 2009.

CRAIG. <https://www.youtube.com/watch?v=VO69cQus3Gc>. 2011.

DIAS. **A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica.** São Paulo. 2008.

FREINET. **Pedagogia Do Bom Senso.** Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

FROMM. **Conceito marxista de homem. Primeiro manuscrito: trabalho alienado.** 4. Ed. Zahar, 1979.

GRUPO KRISIS. **Manifesto contra o trabalho.** Ed. Antígona. 2003.

HUIZINGA. **Homo Ludens.** Ed. 4. São Paulo: Perspectiva. 2000.

LASSANE, SPARTA. **A Orientação Profissional E As Transformações No Mundo Do Trabalho.** Porto Alegre. 2003.

LEAL. **Por que uma educação popular libertária.** 1. Ed. Estúdio de Escrita e Arte. 2017

MARX. **Os economistas. O Capital. Crítica da economia política.** Ed. Nova Cultural Ltda. 1996.

MISES. **Ação Humana: um tratado de economia.** 3.1. Ed. São Paulo: Mises Brasil, 2010.

PUC-RIO. **A relação mãe-bebê: uma visão winnicottiana.** Certificação nº 11

RODRIGUES, BRAGA. **Aqui o sol nunca brilha: A angústia do Não ser do adolescente.** CIPSI - Congresso Nacional de Psicologia. Brasil. 2012.

SMITH. **Os economistas. A riqueza das nações. Investigação sobre suas naturezas e suas causas.** Ed. Nova Cultural Ltda. 1996.

WINNICOTT. **A psicanálise do sentimento de culpa.** Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990.

YOUNG. **The rise of the meritocracy.** 1958.